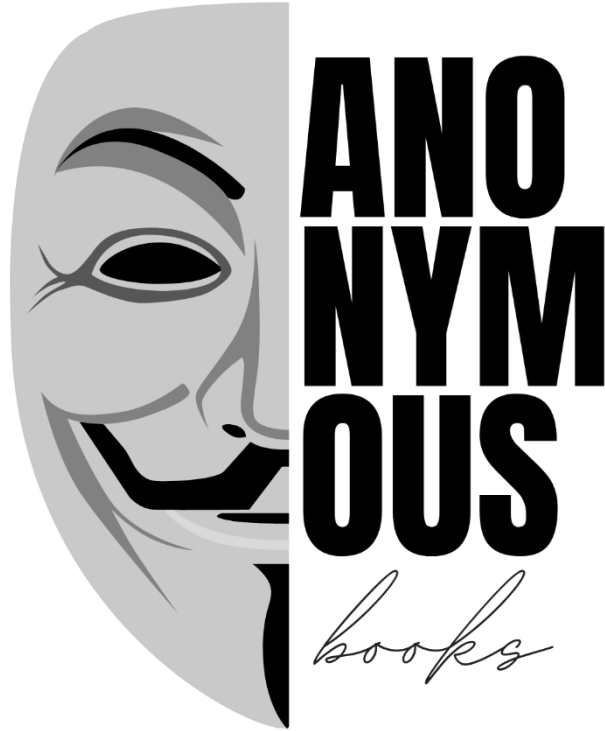


THE
EVELYN
MAYNARD
TRILOGY

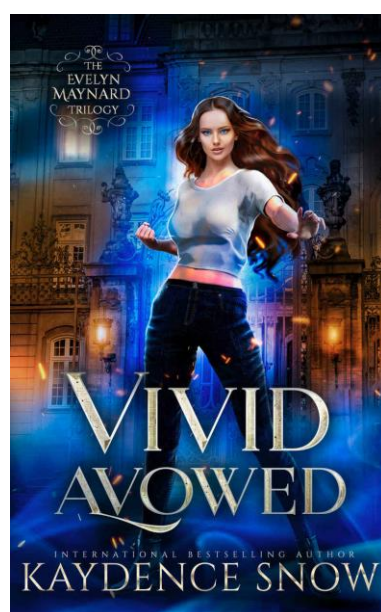
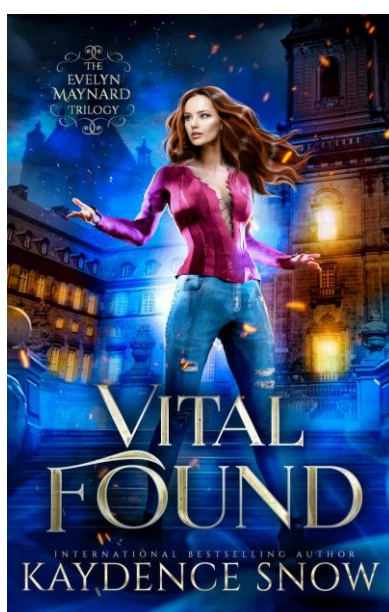
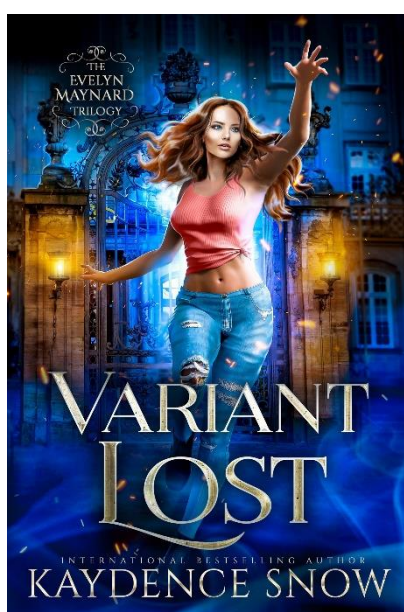
VARIANT LOST

INTERNATIONAL BESTSELLING AUTHOR
KAYDENCE SNOW



THE EVELYN MAYNARD

Kaydence Snow



SINOPSE

Pensei que estava sozinha no mundo. Eu não - pertencço a eles. Pena que eu também pertencço ao único homem que nos separou...

Quando eu recebo uma bolsa de estudos para o Instituto Bradford Hills, estou determinada a começar de novo. A escola exclusiva é mundialmente reconhecida por educar e treinar Variantes - os 18% da população afortunada o suficiente para ter habilidades sobre-humanas. Como humana, tenho sorte de ser admitida.

Estou farta de identidades falsas, correr e mentir, mas mais uma vez me encontro cercada de segredos.

Alguns eu tenho mantido toda a minha vida.

Alguns foram mantidos do meu conhecimento.

Alguns eu me pego sendo arrastada para...

Ethan, Josh, Tyler e Alec têm algumas das habilidades Variantes mais raras que já vi. Eles fascinam, intrigam e me atraem, mas são suas habilidades, seus próprios segredos ou algo mais do qual não consigo ficar longe? Os segredos que eles guardam podem me arrastar para o fundo de seu mundo perigoso e excitante - um lugar que eu não tenho certeza se quero estar.

E as respostas que descubro podem nos matar.

Para John,

Por acreditar em mim, mesmo quando eu não.



Olhei para o meu relógio, dois minutos depois da meia-noite. Era oficialmente meu décimo sétimo aniversário.

No assento de plástico desconfortável ao meu lado, minha mãe, Joyce, me viu verificando as horas. Ela manteve a voz baixa quando alcançou meu braço. “Feliz aniversário, Evie.”

“Não,” resmunguei e puxei meu braço fora de seu alcance.

Ela suspirou e sentou-se ereta. Para um observador casual, ela parecia completamente calma, sentada no saguão de embarque, no portão doze do aeroporto de Melbourne, com as mãos cruzadas gentilmente no colo. Era uma máscara bem praticada, ela estava em alerta máximo. Estávamos sentadas em assentos com uma parede nas costas enquanto ela examinava o aeroporto a cada poucos segundos. Sua bolsa enorme ainda estava pendurada no ombro, como a minha, caso precisássemos nos mover rapidamente.

Mordi a língua para me impedir de chorar. Estava tentando ficar tão alerta quanto ela, mas fiquei pensando no motivo pelo *qual* estávamos no aeroporto, esperando para embarcar em um voo para Los Angeles com bilhetes comprados apenas algumas horas antes e novos passaportes falsificados guardados em nossas malas. Cometi um pecado cardinal aos olhos de minha mãe: fiz amizade e arranjei um namorado.

Naturalmente, tivemos que mudar de nome e deixar o país.

Desde que me lembro, minha mãe e eu estávamos correndo, nunca ficando em um lugar por mais de alguns meses, nunca nos aproximando de outras pessoas. Eu estava acostumada a essa rotina, mas desta vez fiquei mais do que frustrada por ter que começar em outra nova escola e memorizar outro novo nome. Desta vez, pela primeira vez, eu estava realmente deixando algo para trás.

Um flash de movimento chamou minha atenção e minha mãe ficou rígida, mas ela relaxou quando percebeu que era apenas um Variante, correndo pelo aeroporto em velocidade sobre-humana. O homem de terno tinha um olhar de pânico no rosto enquanto usava sua capacidade para chegar ao portão a tempo.

Ele era um dos aproximadamente 18% da população mundial que teve a sorte de ter DNA Variante, mas sua habilidade era comum. Eu era apenas um ser humano chato, um fato pelo qual minha mãe era eternamente grata, pois tornava mais fácil nos misturar.

Uma voz dolorosamente educada e feminina veio pelos alto-falantes: “Senhoras e senhores, o voo QF83 da Qantas para Los Angeles começará a embarcar em breve.”

Eu a ignorei. Tinha tomado mais vôos nos meus dezessete anos do que a maioria das pessoas fez a vida inteira. E conhecia os procedimentos de embarque melhor que metade da equipe de terra.

Eu sabia muitas coisas que um adolescente comum não sabia.

Em vez de explicar as razões por trás do nosso estilo de vida nômade, minha mãe me ensinou a ser invisível. Sabia me colocar perto de uma saída em cada prédio. Sabia como identificar uma pessoa ou veículo que estava me seguindo e como despistá-los. Eu sabia como limpar completamente a

memória de qualquer dispositivo eletrônico. Sabia como forjar documentos oficiais.

Eu sabia tudo, exceto o que realmente queria saber - *por quê?*

Eu não sabia por que minha mãe escolheu os lugares para onde fomos ao longo dos anos, zigzagueando de um continente para o outro. Até agora, sempre que eu sugeria a América, ela me cortava com um firme “não”, mas de repente estávamos a caminho de Los Angeles e de lá para Nampa, Idaho - um local muito específico que suspeito que foi escolhido aleatoriamente.

Qualquer que fosse a razão pela qual Joyce havia escolhido Nampa, a primeira etapa de nossa jornada estava prestes a começar. O embarque havia começado.

Com outro olhar furtivo ao redor do aeroporto, minha mãe se colocou atrás de mim quando entramos na fila, me protegendo de alguma ameaça potencial não dita. Revirei os olhos para ela e olhei para a frente enquanto seus olhos azuis escuros se estreitaram exasperados.

Eu tinha os mesmos olhos - azul escuro - e, assim como ela, era possível ver o azul neles apenas à luz natural. Também tinha seus grossos cabelos castanhos chocolate, mas os dela eram cortados curtos e os meus chegavam ao meio das minhas costas, caindo em ondas suaves.

Também era igualmente teimosa. Em uma exibição dessa característica, cruzei os braços sobre o peito e olhei para os pés, concentrando-me nos redemoinhos de pequenas hélices duplas de DNA que cobriam minhas meias. A máquina à frente tocava ritmicamente enquanto os atendentes digitalizavam os cartões de embarque, e me arrastei para a frente, imaginando como um dia tão bom

havia conseguido se transformar em merda absoluta em questão de horas.

Moramos em Fitzroy, um dos subúrbios mais modernos de Melbourne, na Austrália, por quase oito meses. Nossas mudanças não foram tão frequentes nos últimos anos. Eu era adolescente, temperamental, hormonal e antissocial, o que tornava mais fácil para minha mãe me impedir de ficar muito perto de alguém.

É muito mais fácil fazer um amigo aos seis do que aos dezesseis. *Quer ser meu amigo? OK!* - negócio feito. Quando você é adolescente, as pessoas estabelecem amizades e anos de experiências compartilhadas, e você fica mais consciente do que os outros pensam de você. Ninguém quer perturbar o delicado equilíbrio de sua existência já cheia de angústia, fazendo amizade com a nova garota.

Além disso, eu tinha desistido. Com nosso próximo passo sempre ao virar da esquina, aprendi a conversar superficialmente, parecer amigável com algumas pessoas, mas nunca realmente conhecer alguém.

Imagine minha surpresa quando eu não apenas fiz amigos em Fitzroy, mas também consegui um namorado.

De alguma forma, Harvey Blackburn e sua irmã conseguiram entrar na minha vida solitária. Aconteceu devagar, durante muitas semanas, sentados juntos na sala de aula, depois no almoço e depois conversando online. Então, de alguma forma, Harvey e eu éramos “uma coisa”. Eu já estive em alguns encontros secretos antes, mas nenhum tinha chegado tão perto quanto Harvey. Harvey foi o primeiro de muitas coisas para mim.

Mas mesmo com os primeiros amigos que eu já fiz, nunca falei sobre nosso estilo de vida estranho em detalhes, e mudei de assunto quando perguntada diretamente. Eu

nunca os convidei para minha casa. Raramente me encontrava com eles fora da escola, e somente quando tinha certeza de que minha mãe estava no trabalho. Eu tinha que ter cuidado. Fiquei ansiosa para contar à minha mãe sobre meu primeiro namorado, mas fiquei de boca fechada.

Tinha sido boa em manter minhas duas vidas separadas, até hoje mais cedo.

Harvey, sabendo que não iria me ver no meu aniversário de verdade, me puxou para o canto da sala de aula de inglês e me presenteou com uma pequena caixa de presente, seus olhos chocolate brilhando de emoção. Dentro havia uma pulseira com um pingente de coração.

Eu nunca recebi um presente de ninguém além da minha mãe. Fiquei feliz e cometi um deslize.

Esqueci de tirar a pulseira e escondê-la antes de ir para casa. Como se estivesse procurando evidências da minha traição, minha mãe a viu assim que entrei em casa. Ela saiu da cozinha, os olhos voltados para a joia ofensiva.

Repeti a cena em minha mente, minha mãe limpando as mãos em uma toalha de chá, sua saudação presa na garganta quando o sorriso caiu de seu rosto, o olhar frio em seus olhos, o medo em sua voz enquanto ela perguntava baixinho: “O que você fez, Evelyn?”

“Senhorita?”

Chegamos à frente da fila. A atendente estava olhando para mim com expectativa, a palma da mão estendida. Minha mãe me cutucou.

Tirei a mão dela do meu ombro e corri para frente, passaporte e cartão de embarque na mão. “Desculpe,” eu murmurei.

A senhora me deu um sorriso tenso, examinou o cartão de embarque e verificou meu passaporte falso com a eficiência de uma tarefa repetida com frequência. Ela nem hesitou antes de devolvê-los, e meu coração afundou mais uma vez. Uma grande parte de mim esperava que ela notasse que era uma farsa e seríamos forçadas a ficar. A falsificação era muito boa; ela não percebeu. Ninguém nunca fez.

Não retornei o sorriso dela quando passei. Parando enquanto ela repetia o processo com minha mãe, olhei ansiosamente para a direção da saída. E me imaginei passando pelos passageiros restantes esperando para embarcar e correndo, pegando um táxi direto para a casa de Harvey.

Era uma fantasia estúpida.

Com um suspiro trêmulo, segui minha mãe enquanto ela assumia a liderança pelo corredor estreito em direção à aeronave. Não havia como voltar atrás, nunca voltamos a nenhum lugar em que morávamos anteriormente.

Quando eu era jovem, costumava chorar e perguntar por que não tinha amigos e por que não tinha pai. À medida que envelheci, minhas perguntas se tornaram mais específicas. Perguntei por que não podíamos ficar em qualquer lugar por mais de alguns meses, por que não podíamos usar nossos nomes reais, do que ou de quem estávamos fugindo em primeiro lugar.

Minha mãe fez o possível para explicar as coisas sem realmente me dar respostas. Sempre voltava às suas declarações fervorosas de que tudo que ela fazia era por mim. Suas explicações vagas não eram mais suficientes para mim.

Subimos pelo corredor estreito do avião até nossos assentos. Eu me acomodei no assento da janela, afivelei o

cinto de segurança e me afastei quando minha mãe se sentou ao meu lado.

Ela suspirou profundamente e se inclinou sobre mim, mas não me tocou. “Sinto muito, Evie...”

Pelo menos, pela primeira vez, ela não estava dando desculpas. Prestei atenção às pessoas em coletes de segurança se movimentando no chão abaixo. Ela dissera as mesmas palavras, mas com um tom decididamente menos gentil, apenas algumas horas antes.

Passamos a noite brigando, chorando e fazendo as malas. Quando ela abriu as gavetas e enfiou as roupas em uma bolsa, minha mãe me advertiu novamente. “Como você pode ser tão descuidada, Evelyn?”

“Descuidada?” Eu estava sentada no meio da cama, recusando-me a participar do empacotamento. “Fiz alguns amigos e consegui um namorado. E não contei nada a eles!” Quase gritei de frustração, lágrimas de raiva escorrendo pelo meu rosto vermelho.

“Sinto muito, mas isso não é bom o suficiente,” ela cuspiu, sem parecer muito triste. Ela estendeu as mãos, um pacote de roupas em cada uma, antes de deixá-las cair ao seu lado. “Seria apenas uma questão de tempo antes que você se descuidasse. Se aproximar das pessoas, faz com que você baixe a guarda e conte coisas sobre você. Coisas profundas e importantes.”

“Que coisas?” Eu gritei quando ela voltou a colocar nossos pertences ao acaso em sacos. “Como eu poderia lhes contar alguma coisa quando não *sei* de nada?”

“Não temos tempo para ter essa briga novamente. Estamos saindo em vinte minutos. Qualquer coisa que você não arrumar será deixada para trás.”

Nós nos encaramos, nós duas respirando com dificuldade, nós duas teimosas em nosso silêncio.

Finalmente, seus ombros caíram. “Por favor, Evie,” disse ela calmamente. Seus olhos arregalados estavam implorando e suas mãos começaram a tremer. Ela não estava mais brava comigo; agora estava apenas assustada.

Ainda estava brava com ela, mas cedi e relutantemente me preparei para sair. Novamente.

Nem sequer me despedi dos meus amigos, abraçá-los com força e dizer que nunca os esqueceria. Tentei enviar uma mensagem rápida para Harvey antes de minha mãe entrar no quarto e confiscar meu telefone, limpando-o e destruindo o cartão SIM.

A voz do piloto vindo pelo interfone enquanto taxiávamos me trouxe de volta ao presente. “Bem-vindos a bordo do voo QF83. Meu nome é Bob Wheeler e serei seu capitão hoje. Sentado ao meu lado está Andy Cox, seu copiloto. Andy é um Variante com capacidade de controlar o clima, por isso estou satisfeito em informar que podemos garantir um voo livre de turbulência hoje à noite.”

Ele continuou a proferir o discurso habitual apresentando a tripulação de voo, mas minha mente estava momentaneamente distraída, mesmo da minha ira por minha mãe. Eu nunca conheci um Variante com a capacidade de controlar o clima e desejei pesquisar a ciência por trás de como isso era possível, o impacto que isso poderia ter nos padrões climáticos, a física por trás de tudo.

A ciência ainda não entendia completamente a Luz, a energia que alimentava as habilidades dos Variantes e tornava possível às pessoas controlar o clima, correr mais rápido que um Maserati ou ler mentes. Era uma área fascinante de estudo. Todo o senso de propriedade social saía

pela janela sempre que eu percebia que estava falando com um Variante e começava a disparar todos os tipos de perguntas inapropriadas e intrusivas, minha curiosidade vencendo. Estava ansiosa para perguntar ao copiloto como sua habilidade funcionava, mas estava presa a um assento econômico e não tinha como fazer isso acontecer. Minha mente voltou aos meus pensamentos miseráveis anteriores e recuei com um suspiro.

“Essa é uma habilidade Variante interessante,” Joyce falou ao meu lado.

Eu resmunguei e voltei a olhar pela janela. Ela estava fazendo um esforço, mas eu não estava pronta para deixar ir o meu ressentimento.

O avião decolou e todos se estabeleceram na rotina de um voo de longo curso. Minha mãe tentou conversar comigo mais algumas vezes antes de finalmente desistir com um bufo frustrado. Estava determinada a manter minha indignação fervorosa com a forma como ela havia arruinado minha vida, e fiquei de mau humor, olhando para o céu escuro como breu, a quarenta mil pés de altura do chão.

Estávamos no meio do Oceano Pacífico quando o avião caiu.

Não houve aviso, não houve tempo para alguém se perguntar o que estava acontecendo, se assustar, se abraçar. Um minuto estávamos planando no ar, no seguinte houve um estrondo alto, o avião balançou de lado e estávamos despencando.

Estendi a mão para minha mãe ao mesmo tempo em que ela estendeu a mão para mim e seguramos as mãos uma da outra quando nossos olhos se encontraram, arregalados de medo. Não houve oportunidade de dizer nada. Sem tempo

para contar a ela as duas coisas simples que realmente precisam ser ditas - *me desculpe. Eu te amo.*

Um terrível som metálico raspou meus ouvidos, e então sua mão foi violentamente arrancada da minha, sua boca formando um O enquanto ela desaparecia na escuridão. A parte de trás do avião havia se separado completamente do resto, como se um gigante a tivesse rasgado como um pedaço de pão.

Encarei o vazio ao lado do meu assento. Havia o chão do avião, meu pé na minha meia de DNA (o sapato havia sumido) e a linha irregular onde o metal, os fios e o tecido haviam se separado, bem entre o assento dela e o meu.

Além disso, não havia nada. Trevas.

Nós ainda estávamos caindo. As pessoas estavam gritando por cima do assobio ensurdecido do ar correndo, enquanto vários itens voavam por mim e saíam do buraco pelo qual minha mãe havia desaparecido. Eu me concentrei na borda irregular e rasgada do avião, um pedaço do tapete batendo furiosamente ao vento. Minha mãe, minha única família, se foi, provavelmente morta. Minha mente não conseguia processar; em vez disso, forneceu estatísticas relevantes.

Estatisticamente falando, voar é o meio de transporte mais seguro.

As chances de um avião cair são de uma em 1,2 milhão.

As chances de realmente morrer em um acidente de avião são mais próximas de uma em onze milhões.

Em comparação, as chances de morrer em um acidente de carro são de cerca de um em cinco mil.

Sorte minha que estaria nesse de 1,2 milhão de voos.

Enquanto mergulhávamos no escuro, considerei outro número - 2.130. A última vez que verifiquei a tela de informações de bordo, era sobre quantas milhas estávamos do Havái. Eu tinha calculado a distância, pois era a terra mais próxima, com hospitais e equipes de resposta a emergências. Supondo que o piloto havia enviado um pedido de socorro, levaria horas para que alguém pudesse chegar até nós, se eu sobrevivesse ao acidente em primeiro lugar.

Não me lembro de bater na água. Lembro-me do pedaço de tapete batendo aos meus pés e lembro daquela informação inútil correndo pela minha cabeça, mas não lembro do impacto. Depois disso é apenas flashes de memória desconexos.

-

A água estava gelada. Parecia picos de gelo, todos perfurando minha pele ao mesmo tempo em um milhão de pontos diferentes. As pessoas estavam gritando. Não muitos, nem de longe tantos quantos estavam no avião. Eu usava um colete salva-vidas. Quando vesti isso? Algo estava queimando furioso e brilhante nas proximidades. Queria me aproximar do calor, mas não conseguia mexer. Eu não podia fazer nada além de tremer.

-

O fogo ainda estava lá, mas havia se acalmado significativamente. Como as brasas de uma fogueira. Ninguém estava mais gritando. A água ondulou suavemente na minha frente, calma e negra como piche, impenetrável. Não conseguia ver nem uma polegada além de sua superfície. Não conseguia sentir meus braços ou minhas pernas.

-

Uma luz. Era o fogo? Não, isso havia apagado há muito tempo. Isso tingia a escuridão. Violeta. O amanhecer estava

chegando. Mas também não era isso. Essa luz era nítida, focada e em movimento. Havia um som também, um barulho alto vindo de cima. A água na frente do meu rosto ondulava com o vento criado pelas pás do helicóptero. Helicóptero! Eu tinha que olhar para cima, gritar, acenar, fazer algo para que eles não saíssem.

-

Eu estava sendo levantada para a luz, mas ainda estava fria e úmida e ainda não conseguia sentir minhas pernas. A luz não era quente e acolhedora. Era dura e brilhante, e o barulho alto me dominou. Alguém me levantou por trás. Um braço em volta da minha cintura, me segurando firme. A água parecia muito distante agora.

-

Estava alto dentro do helicóptero. Eu estava sendo empurrada onde estava deitada, amarrada com algo sobre o peito e os quadris. Não pude ver. Meus olhos estavam fechados e eu não sabia como abri-los. Vozes gritaram sobre o motor do helicóptero, apenas trechos de conversa.

“... apenas um sobrevivente? Você tem certeza?”

“Sim.” Um firme “sim”. Sua voz era clara, próxima. Forte e masculina, mas suave como mel quente. “Procuramos em toda a área. Somente ela e o copiloto. Não sei como ela sobreviveu. Ela estava na água há muito tempo.”

Então, um som deslizante e uma terceira voz, mais distantes. “...em contato com seu povo... nunca subi no voo... mudança de horário de última hora... boas informações, mas não posso prever...”

Uma mão pousou na minha panturrilha. O homem com a voz do mel. Eu sabia que pertencia a ele, mas não sabia como. Foi bom poder sentir minhas pernas novamente.

Quando acordei no hospital, dormi por quase dois dias, mas na época não sabia. Eles me disseram tudo depois. Enfermeiras e médicos se amontoaram no meu quarto, maravilhados com a falta de lesões permanentes e minha rápida recuperação. Os Variantes eram mais resistentes a lesões e mais rápidos de se recuperar, mas eu, como alguém humano, tive a sorte de ter sobrevivido, ou assim os médicos continuavam dizendo. Não tive sorte.

Não. Quando acordei, foi apenas por alguns momentos. Os sons vieram primeiro: o zumbido suave das máquinas, um bip silencioso, vozes abafadas. Então senti os cobertores e travesseiros macios embaixo de mim.

Consegui levantar minhas pálpebras pesadas e me vi olhando para aquelas placas de cortiça que compõem o teto de hospitais e prédios de escritórios. A luz fluorescente estava apagada, mas ainda estava muito brilhante na sala. Deveria ser de manhã.

Inclinei minha cabeça e examinei o espaço. Havia uma porta à minha esquerda e uma janela à minha direita, uma bandeja de hospital sobre rodas embaixo. No canto, ao lado da janela, havia uma cadeira. Um homem estava sentado nela.

Eu poderia dizer que era um homem pelo amplo conjunto de seus ombros, pelos músculos de seus antebraços tatuados. Os cotovelos estavam apoiados nos joelhos e a cabeça estava nas mãos. Ele tinha cabelos escuros e um corte militar. Seus dedos estavam afundando

no couro cabeludo; Eu tinha a sensação de que se ele tivesse mais cabelo, estaria puxando-o. Ele estava vestido de preto: botas pretas plantadas firmemente no chão, calça e camiseta preta.

Tentei falar, mas tudo o que consegui foi uma inspiração distorcida. Foi o suficiente para chamar sua atenção de qualquer maneira. Ele levantou a cabeça. Ele parecia jovem, talvez na casa dos vinte, mas o olhar em seus olhos intensos me deu a impressão de que ele havia vivido mil vidas enquanto estava sentado naquela cadeira feia do hospital. Ele tinha uma sombra de cinco horas cobrindo sua mandíbula forte e chocantes olhos azul-gelo. Eles me perfuraram, como a água gelada me perfurou.

“Você está acordada.” Não acho que ele quis dizer isso em voz alta. Apenas saiu em uma respiração. E então ele estava de pé e ao lado da minha cama, inclinando-se sobre mim.

Ele estendeu a mão como se quisesse me tocar e depois a puxou bruscamente. “Vou procurar um médico.” Era o homem com a voz do mel.

Eu estava dormindo de novo antes que ele saísse da sala. O gelo em seus olhos estava me fazendo lembrar, e eu ainda não aguentava.

Na próxima vez que acordei, não demorei muito para ganhar consciência.

Abri os olhos e me levantei para uma posição mais confortável. Me senti muito mais forte do que a primeira vez, como se eu não precisasse estar no hospital. Estava anoitecendo, a janela à direita ainda deixando entrar a luz fraca.

Meus olhos foram imediatamente para a cadeira no canto, mas a sala estava vazia, e por um segundo me perguntei se havia alucinado o homem com os olhos azul-gelo. Então ouvi a torneira abrir no banheiro e um momento depois ele saiu. Ele ainda estava vestido de preto, mas desta vez ele usava uma camiseta de mangas compridas, ajustada o suficiente para sugerir o torso forte por baixo. Ele era alto, sua cabeça quase chegando ao topo do batente da porta.

Quando ele se virou, fechando a porta atrás dele, nossos olhos se encontraram. Ele parou por um segundo e depois foi até o pé da minha cama, descansando uma mão no parapeito. Ele me observou com uma expressão neutra no rosto. Eu o observei de volta, sem me sentir constrangida por manter contato visual com um completo estranho por tanto tempo. Uma cicatriz cortava o meio da sobrancelha direita e uma tatuagem em preto e cinza estava espreitando do tecido preto do pescoço.

“Como se sente?” Sua voz era firme, enérgica, mas ainda parecia que o mel tomava conta de mim.

Minha própria voz estava grogue, embora clara o suficiente na sala silenciosa. “Você me puxou para fora da água.” Não me incomodei em responder a sua pergunta. Não era importante naquele momento.

“Não. Meu colega fez. Puxei você para o helicóptero.”

Ele não insistiria que eu me concentrasse em minha saúde, em melhorar, em aumentar minhas forças, todas aquelas coisas vazias que as pessoas insistiam quando

tentavam evitar falar sobre as coisas difíceis. Coisas importantes. *Bom.*

“Você sentou comigo. Eu podia ouvir sua voz. Mesmo acima do motor.”

“Sim...” Ele desviou o olhar brevemente antes de encontrar meu olhar novamente, deixando a palavra sumir. Como se ele fosse adicionar mais, mas decidiu que era melhor não.

“Somente o copiloto e eu conseguimos. Não houve outros sobreviventes?” Eu tinha que ter certeza. Tinha que ouvir alguém dizer isso.

“Não.” Sua resposta foi definitiva, mas seus olhos se estreitaram um pouco, imaginando sobre quem eu estava perguntando. Quem eu tinha perdido.

Fechei os olhos com força, apertando os lençóis do hospital com os dedos fracos.

Minha mãe...

Minha mãe estava no avião comigo.

Não havia outros sobreviventes.

Ela não era uma sobrevivente. Ela estava... ela...

“Minha mãe.” Abri os olhos quando disse isso.

Seu rosto caiu quando as duas palavras saíram da minha boca. Ele levantou a outra mão para a grade da minha cama e se apoiou pesadamente no plástico cinza utilitário, pendendo a cabeça. Ele xingou baixinho e começou a respirar com dificuldade.

Por que ele estava tão chateado?

Eu tinha tantas perguntas. *O que aconteceu? Por que o avião caiu? Como ninguém mais sobreviveu? Por que eu consegui? Por que ela não? Como você sabia onde procurar? Onde estou? O que vai acontecer agora? Quem é você? Por que você ainda está aqui? Por que você se importa?*

Mas não consegui encontrar em mim forças para me preocupar com as respostas.

Não. Essa pequena palavra confirmou o que eu suspeitava desde que acordei, com um estranho sentado na cadeira ao meu lado, em vez de minha mãe.

Eu me senti forte quando acordei alguns momentos antes, mas agora me senti fraca novamente. Uma pressão terrível se formou no meu peito e um nó se formou na minha garganta.

Ela se foi. Para sempre. Nunca mais veria minha mãe. Nunca mais falaria com ela, abraçaria, discutiria com ela. *Brigaria.* Essa foi a última coisa que fizemos. Ela morreu pensando que eu estava brava com ela.

Estava sozinha no mundo. Eu fiquei sem mãe. Uma órfã. Me senti sozinha por boa parte da minha vida, mas, sejam quais forem as razões da minha mãe para nos manter distantes das outras pessoas, ela sempre esteve lá por mim. Ela era a única constante na minha vida, a única pessoa em quem eu sempre podia confiar.

Sim, eu me senti sozinha no passado, mas deitada naquela cama de hospital com um estranho ao meu lado, eu realmente sabia o que significava me sentir sozinha.

Estou sozinha.

Finalmente, lágrimas gordas transbordaram e passei os braços em volta do meu tronco. Comecei a soluçar quando

rolei de lado, em direção à janela, todos os músculos do meu corpo tensos com desespero.

Botas chiaram no linóleo e, em seguida, o cobertor fino do hospital foi puxado por cima do meu ombro. A cama atrás de mim mergulhou, e seu corpo pressionou o meu por trás, seu braço serpenteando em volta da minha frente. Ele me abraçou forte e ouvi sua voz, perto do meu ouvido.

“Você não está sozinha.”

Eu devo ter dito isso em voz alta. Sua declaração me fez chorar mais, lágrimas feias e sem restrições. Soluços assolaram meu corpo enquanto eu me enrolava em uma bola.

Ele me segurou durante tudo isso. Nós não nos tocamos, em nenhum lugar nossa pele fez contato, mas ele me segurou firme até meu choro se acalmar em soluços suaves. Ele me abraçou forte enquanto os soluços davam lugar a lágrimas silenciosas que se acumulavam no travesseiro. Ele me segurou firme enquanto eu caía no inconsciente feliz novamente.

Quando acordei na manhã seguinte, havia uma enfermeira ao pé da minha cama, escrevendo algo em uma prancheta, e o estranho realmente se foi.

DOIS

Na manhã do meu décimo oitavo aniversário, acordei meia hora antes do meu alarme em uma cama que não parecia a minha. Em uma sala que pertencia a mim, mas não possuía minha personalidade. Na vida que eu vivi no ano passado, mas ainda não me encaixava.

Não tive esse momento de felicidade, aqueles poucos segundos nebulosos em que você não sabe que dia é hoje ou o que está acontecendo. Abri os olhos e soube imediatamente que era meu aniversário; fazia exatamente um ano desde que minha mãe morreu.

Deitei de costas e olhei para o teto.

Engolindo com força em torno do caroço grosso na minha garganta, apenas consegui me impedir de desmoronar logo de manhã. Eu tinha que continuar, ser forte. É o que minha mãe gostaria.

Tentei me concentrar em outra coisa, analisando como era meu dia, mas, além de um teste de química, não havia muita coisa digna de nota. Meus pensamentos continuavam voltando para o momento em que meu mundo desabou com tanta força quanto o avião em que estávamos. E rolei para o meu lado. Em vez de me perder na lembrança de quando percebi que estava sozinha no mundo, forcei-me a focar no que havia acontecido depois.

Quando o hospital no Havaí me liberou, os serviços sociais decidiram que era melhor me enviar para o destino que minha mãe havia escolhido para nós. Eles não sabiam que ela havia aberto um mapa e apontado aleatoriamente.

Depois de um longo passeio de barco e vários trens e ônibus, porque eu me recusei a entrar em um avião, foram os serviços sociais de Idaho que me colocaram em Nampa com Martha e Barry, ou Marty e Baz, como eles gostavam de ser chamados. Eles eram um casal bastante simpático na casa dos cinquenta anos, um pouco entediados. Por que não cuidar de uma filha adotiva para apimentar um pouco as coisas? Infelizmente, eu não era tão emocionante.

Eu tinha meu próprio quarto e, por mais que eles me incentivassem a torná-lo meu, não conseguia me obrigar a fazê-lo. Olhei em volta para a cama de solteiro, mesa e guarda-roupa principalmente vazio enquanto puxava o cobertor mais apertado em volta dos meus ombros. Eu ainda estava presa aos meus velhos hábitos, não ficando muito confortável, o próximo passo sempre ao virar da esquina.

Marty e Baz fizeram um esforço para me conhecer, para me fazer sentir parte da família. Não era culpa deles que eu não sabia como fazer parte de uma família.

O alarme que eu não precisava tocar, enchendo a sala impessoal com um bipe estridente. Peguei meu smartphone e o desliguei. Sentada na beira da minha cama, arranhei a sensação de formigamento nos pulsos, desejando que meu corpo alcançasse minha mente e se mexesse.

Eu mesma havia comprado o smartphone depois de vender algumas identidades falsas, me sentindo estranha demais para aceitar qualquer coisa que não fosse o básico como comida e roupas das minhas possíveis figuras paternas. Marty e Baz se ofereceram repetidamente para me comprar mais roupas, livros, maquiagem e outras “coisas normais de adolescente”. Recusei, mas uma indulgência que lhes permiti fornecer foi a assinatura de periódicos. Eu devorei literatura científica da maneira que a maioria das adolescentes passava por revistas de moda. Eu era a melhor da minha classe em ciência e na maioria das minhas aulas

de matemática na escola. Eu tinha assinaturas de *The American Statistician*, *Advances in Physics*, *New Scientist*¹, e alguns outros.

Levantei-me da cama apenas para me sentar na minha mesa, empurrando uma edição antiga da *New Scientist* para fora do caminho. Liguei o computador antigo com o Windows XP e esperei impaciente que ele acordasse. Nós dois lutamos um pouco pela manhã.

Enquanto esperava a tecnologia geriátrica iniciar, levantei-me e peguei uma roupa no armário meio vazio. Meu olhar reparou no vestido de verão de minha mãe estampado com grandes flores de papoula e o nó na garganta reapareceu.

Se tudo o que era necessário para me empurrar hoje fosse um vislumbre de tecido, talvez precisasse pular a escola.

Não havia muitas coisas que sobreviveram ao acidente de avião. A equipe de investigação do acidente conseguiu recuperar algumas malas, e os únicos itens recuperáveis foram algumas fotos e roupas, incluindo o vestido de verão favorito da minha mãe. Nenhum de nossos documentos foi encontrado. O corpo de minha mãe, junto com mais de duzentos, também nunca foi encontrado.

Vesti jeans e um suéter solto, conscientemente treinando minha mente sobre como a mistura de algodão e poliéster agravou a coceira persistente em meus pulsos. O caroço havia diminuído e me plantei na frente do computador mais uma vez, dando à minha mente outra distração.

Havia apenas duas constantes na minha vida agora, ciência e minha busca quase obsessiva pelo estranho com

¹ revistas científicas.

voz de mel que me salvara de mais maneiras do que eu podia articular.

Abri o Tor² - só usava o navegador seguro - e entrei em alguns dos fóruns que frequentava, bem como verifiquei em alguns sites não rastreáveis se havia notícias.

Eu nem tinha aprendido o nome dele antes que ele desaparecesse. Tentei perguntar às enfermeiras e médicos quando acordei, mas eles não podiam me dar nenhuma informação sobre sua identidade. Eles apenas disseram que ele fazia parte da equipe de resgate do Melior Group que me trouxe. Ele não havia conversado muito com ninguém, mas estava muito interessado no meu progresso e nos resultados dos testes, garantindo que eu tivesse o melhor atendimento possível.

Não sabia muito sobre o Melior Group na época. Eu tinha ouvido falar deles, é claro, a empresa de segurança privada de elite que empregava Variantes com habilidades raras quase que exclusivamente, tinha vínculos com as comunidades Variantes, bem como com as principais forças policiais, e operava em todo o mundo. Todo Variante de alto perfil tinha um guarda-costas do Melior Group na folha de pagamento, e os governos frequentemente os empregavam para ajudar na manutenção da paz, missões de resgate e outras coisas mais sombrias, eu tinha certeza. Coisas com palavras como *inteligência* e *operações sombrias* envolvidas.

Quando os investigadores de acidentes aéreos me entrevistaram, fiz o possível para esclarecer a identidade do meu estranho. Eles não quiseram explicar por que uma equipe do Melior Group havia sido enviada em uma simples missão de resgate por um acidente de avião civil. A palavra *confidencial* foi dita mais de uma vez.

² é um navegador da internet que oferece proteção em camadas, gerando uma confusão para quem tenta fazer o rastreo.

Tentei entrar em contato diretamente com o Melior Group depois de me estabelecer em Nampa, mas bati em uma parede de tijolos e em outras coisas confidenciais. Foi quando liguei o computador antigo e coloquei minhas habilidades de pesquisa em uso. Infelizmente isso também não estava me levando a lugar algum. Eu estava realmente ficando cansada da palavra *confidencial*.

Não estava mais perto de encontrá-lo agora do que no primeiro dia no hospital, mas isso se tornou uma obsessão. Em algum momento, me virei para os cantos mais sombrios da Internet, postando em fóruns, detalhando minha experiência e conversando com outras pessoas que haviam se desentendido com as equipes especiais do Melior Group. Eu estava tentando encontrar qualquer ligação, não importa quão tênue, para outra pessoa que possa ter cruzado com ele.

Como em um problema matemático complexo ou em uma teoria científica opaca, quanto mais difícil era decifrar, mais decidida eu me tornava a resolvê-lo.

Mas não era apenas o desafio disso. O fato de a palavra *confidencial* ter surgido com tanta frequência me dizia que havia mais do que apenas uma simples falha no motor a ser responsabilizada pela morte da minha mãe. Eu tinha feito a minha missão descobrir o *porquê* minha mãe havia perdido a vida. O estranho era a ligação mais próxima para essa informação.

Em um nível mais emocional, eu precisava encontrá-lo. A força da minha inexplicável atração por esse homem que me segurou na minha hora mais sombria me assustou um pouco. Sua equipe me salvou, eles me tiraram da água gelada e prestaram os primeiros socorros, mas meu estranho com voz de mel me salvou em um nível muito mais profundo. Ele ficou comigo, cuidou de mim, me segurou enquanto eu desmoronava completamente. Se estivesse sozinha quando

acordei naquele hospital, acho que não teria forças para melhorar, para continuar vivendo minha vida vazia. Eu estava emocionalmente destruída demais para perceber isso na época, mas a presença dele me deu um pequeno pedaço para me segurar, um vislumbre de esperança de que talvez eu não tivesse que ficar sozinha no mundo.

Sim, eu queria encontrar as respostas para todas as minhas perguntas em torno da morte de minha mãe, mas também precisava olhar em seus olhos azul-gelo mais uma vez e agradecê-lo por me salvar.

A coceira, que estava se espalhando pelos meus antebraços, me lembrou que eu precisava ir para a escola, então saí e fui para a cozinha.

Marty estava se movimentando perto do fogão, seus cabelos grisalhos perfeitamente penteados em um corte “na moda.”

“Bom Dia!” Ela sorriu para mim por cima do ombro, correndo para girar panquecas e fazer malabarismos. “Você acordou um pouco cedo, mas é um bom momento.”

Marty era uma pessoa da manhã, sempre cheia de energia positiva. Eu não era uma pessoa da manhã. O café teria ajudado, mas mesmo depois de morar nos Estados Unidos por um ano inteiro, eu ainda não conseguia me acostumar com a porcaria filtrada que as pessoas daqui bebiam.

Esfreguei minha têmpora e fui pegar o leite na geladeira, tentando decidir se o Cap'n Crunch ou Wheaties era um tipo de cereal matinal de aniversário da morte da mãe. Marty parou na minha frente e sorriu, segurando um prato de panquecas na frente dela.

“Feliz aniversário, criança,” disse ela, muito mais suave do que eu estava acostumada a ouvi-la falar. “Eu sei que este

dia é agridoce para você, mas espero que isso ajude a torná-lo um pouco mais doce.”

“Oh.” Eu não tinha percebido que estávamos em termos de panquecas de aniversário. “Obrigada.” Minha voz era suave e, eu esperava, genuína.

Ela me deu um pequeno aperto logo acima do meu cotovelo. Marty e Baz não eram de abraços e, por isso, fiquei agradecida.

Sentei-me no balcão e comi minhas panquecas, Marty ao meu lado com uma caneca grande de café americano de lodo da lagoa. Elas estavam deliciosas, Marty era uma ótima cozinheira, mas não eram da minha mãe.

Mais uma vez, a dor ameaçou me puxar para baixo. Engasguei com um bocado de panquecas, os olhos ardendo enquanto olhava para a bancada.

Marty conversou sobre coisas sem sentido enquanto eu comia e tentava muito parar de chorar, então ela foi trabalhar. Uma vez que estava sozinha, respirei fundo algumas vezes, incapaz de terminar a comida.

Coloquei a louça na máquina de lavar louça, joguei minha bolsa no ombro e fui para a escola. Foi o mesmo caminho que segui todos os dias no ano passado. As mesmas ruas suburbanas e chatas, os mesmos carros, as mesmas árvores.

Levei vinte minutos preguiçosos para caminhar até a Nampa High School. Os estudantes andavam de um lado para o outro, tentando espremer cada segundo de tempo livre antes da primeira aula. Quando me aproximei do prédio de tijolos, um garoto de cabelos castanhos, vestindo uma jaqueta bomber, correu pela grama na minha direção.

“Ei, Eve!” Ele sorriu. Tive a sensação de que ele estava no time de futebol, mas não conseguia lembrar o nome dele. “Feliz Aniversário.”

Como ele sabia? Eu não era exatamente amiga de ninguém.

Não respondi a sua felicitação sobre meu aniversário. Eu simplesmente fiquei lá com um olhar confuso no rosto, então ele preencheu o silêncio com sua própria voz. “Posso levá-la para sair no seu aniversário hoje à noite? Ou talvez amanhã? Quando você estiver livre, realmente. Eu tenho um jogo na próxima semana, mas fora isso...” Ele olhou para mim com expectativa.

O jogador de futebol sem nome na verdade não queria sair comigo. Ele só queria ter sorte.

Quando cheguei a Nampa, passei por uma breve fase promíscua. Eu estava fazendo o que podia para ignorar que minha mãe havia morrido, então abracei completamente tudo sobre a vida no ensino médio que não poderia ter abraçado com ela por perto. Eu namorei muito, ninguém exclusivamente e ganhei um pouco de reputação. Além disso, eu conseguia criar identidades falsas muito boas e de repente tinha uma multidão de pessoas para me distrair.

Minha popularidade repentina não durou muito. Assim como não consegui me instalar na minha nova “casa”, também não consegui encontrar em mim vontade de fazer amigos. Eu tentara abraçar minha nova liberdade, mas era exatamente isso, essa suposta liberdade existia porque minha mãe não estava mais por perto. E não conseguia me importar com nenhuma das coisas triviais com as quais eu tanto me importava antes que ela morresse. Quem se importa em fazer amigos quando você perdeu a única família que já teve?

Tornei-me uma solitária e só consegui tempo para minha ciência e meu estranho misterioso. De vez em quando, um dos meninos tentava me convidar para outro encontro. Eu sempre disse não.

O cara do futebol ainda estava esperando minha resposta, mas pensar nos meus meses rebeldes me fez pensar em como minha mãe teria perdido a cabeça se soubesse o quão descuidada eu fui. Não sabia o que era mais perturbador ou indesejado, a emoção espontânea ou a coceira persistente em meus braços. Eu precisava me afastar do zagueiro antes de ter um colapso emocional muito público.

“Hoje faz um ano que minha mãe morreu,” disse impassível.

Não tinha a intenção de dizer isso, mas a reação do garoto estava provando ser uma distração suficiente. Ele parecia em partes iguais horrorizado e desconfortável. Quando ele abriu a boca para dizer algo, pisquei uma vez e passei por ele para entrar no prédio da escola. Preferia deixá-lo pensar que eu era rude e estranha do que fazê-lo me ver chorar.

O resto do dia passou sem incidentes. Com o rosto de minha mãe constantemente na vanguarda da minha mente, a sensação de sua mão deslizando para fora da minha dolorosamente presente na minha pele, fiz tudo no automático. Fui às aulas, almocei, respondi ao teste de química e fiz o possível para evitar os outros alunos. A notícia da minha declaração estranha para o cara do futebol se espalhou, e antes que o segundo período terminasse, eu comecei a receber olhares estranhos. Felizmente, todo mundo me deu uma folga.

No final do dia, eu estava cansada de toda a atenção passiva, cansada de estar constantemente à procura da dor

avassaladora que estava se tornando impossível de ignorar. Eu só queria voltar para Marty e Baz e me perder em um artigo ou em um trabalho escolar.

O dia estava lindo, o sol da tarde estava quente o suficiente para que eu pudesse tirar meu suéter e voltar para casa com apenas uma blusa, mas meu mau humor não me permitia apreciá-lo. A sensação de coceira e formigamento se espalhou dos meus braços para o peito e estava se tornando irritantemente conhecida por quase todo o caminho até minhas pernas também. Com um grunhido de frustração, peguei meu ritmo e cocei meus braços, esperando poder me impedir de rasgar a blusa ou enfiar a mão nas calças em público.

Esse novo acontecimento, surtos de coceira, começou pouco depois de eu estar com Marty e Baz, e veio com quantidades insanas de energia. Toda semana ou duas eu teria mais energia física e mais energia mental para estudar e ler. Ocasionalmente, eu ficava acordada a noite toda, sem me sentir cansada no dia seguinte. Comecei a correr para tentar controlá-lo, me esforçando até lutar para respirar. Nunca foi doloroso, era mais como um zumbido persistente. Um tipo de vibração inofensiva em todo o meu corpo que me fez coçar loucamente e sentir como se eu estivesse usando cocaína. Nada demais.

Sempre começava fraco, como naquela manhã, cócegas nos pulsos e tornozelos, mas se eu o ignorasse por muito tempo, a coceira irritante em todo o meu corpo me faria remover camadas de roupa, o que começaria a parecer alergia.

Eu nunca mencionei isso para Marty ou Baz. Não queria incomodá-los mais e realmente não podia reclamar do tempo extra de estudo. Eu li sobre os sintomas, aprendi muitas palavras novas e muito longas e fiz o meu melhor para autodiagnosticar, monitorando meus sintomas e sinais vitais

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Variant Lost Kaydence Snow" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).